



## RUI ANAHORY

Nasceu em 1946 em Grijó, Vila Nova de Gaia.

Licenciado em Artes Plásticas em 1979 pela ESBAP- agora Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.

Foi Monitor de Atelier IV e V, na ESBAP em 1980.

Professor do ensino preparatório, secundário e profissional, de 1973 a 1995.

Realiza trabalhos de escultura (Árvore Lira) e performance (Voo de Ícaro) no rio Douro em participação paralela nas II<sup>as</sup> Jornadas Internacionais de Música Contemporânea do Porto Organizadas pela Oficina Musical em 1984.

Prémio de escultura de Ar Livre na Amadora nos anos oitenta.

Co-fundador nos anos 80 da, agora, C<sup>a</sup> de Teatro de Braga, tem realizado várias cenografias, a mais recente para a peça de Ramon Valle-Inclán, "La Cabeza de Bautista" (Out. de 2010).

Realiza exposições individuais com regularidade e participa em várias colectivas, em Portugal e no estrangeiro (Alemanha, Bélgica, Turquia, Inglaterra) e tem trabalhos em colecções de particulares e de algumas instituições (Ex-Banco Borges & Irmão; Museu de de Ramón Valle Inclán, Santiago de Compostela; Museu da Póvoa de Varzim; Espólio da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; espólio da Câmara Municipal de Matosinhos, e outras )

A par da escultura em materiais vários (pedra, bronze, madeira, ferro, cerâmica etc) tem continuado a desenvolver o trabalho de pintura, a par da escultura, como parte indissociável da sua personalidade como artista plástico; tem ainda editado múltiplos de escultura, serigrafia e cerâmica pessoalmente e através da Coop. Artística Árvore.

Está representado em espaços públicos :

Porto-Escultura cerâmica "Viagens", jardins do Palácio de Cristal; Póvoa de Varzim - "Monumento às Gentes da Póvoa de Varzim" e monumento a "S. Pedro", em Rates, P.V.; Matosinhos - esculturas da exposição "Formulações Mínimas", em cimento e ferro, e em Angeiras (Leça da Palmeira) "Atmosfera", aço inox e aço corten, 2013; Esmoriz - Ovar - Monumento de "Homenagem à Pesca da Arte Xávega"; Bragança - Monumento ao "Agricultor Bragançano (Chega de Bois); Amadora - escultura eólica em ferro e aço (1986 prémio escultura de ar livre) e "Totem" escultura em ferro (simpósio internacional de escultura em ferro da Amadora, 1993 aprox.).

Monumento em 2009 ao General Silveira, herói de Chaves, nas comemorações dos 200 anos das invasões francesas.

Participação em simpósios de escultura:

I<sup>o</sup> Simpósio Internacional de Escultura em Pedra, Évora (1981); "Ommagio a Julieta", encontro de escultura em mármore, Verona, Itália; I<sup>o</sup> Simpósio Internacional de escultura em Ferro da Amadora; "Encontro com o Granito", Simpósio Internacional de V. N. de Cerveira (1996); Simpósio de Escultura em Granito e Ferro, Póvoa de Varzim (1997).

Em 2007 realiza as "Portas do Céu"(Janua Coeli) em bronze, que integram a fachada da Igreja da Matriz da Póvoa de Varzim a assinalar os 250 anos da sua existência.

De 1996 a 2007 foi docente do departamento de Escultura da FBAUP.



Interior, 2009 | madeira de castanho, resina de poliéster e néon | 80x90x80 cm (aprox.)

## MATÉRIA DESCONTÍNUA DE RUI ANAHORY

exposição patente de **6 A 28 de Setembro 2013**  
na galeria da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto  
no seguinte horário:  
de segunda a sexta das 9h às 19Hh  
sábados das 14h às 18h

### Galeria da

#### Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

Rua Manuel Lopes

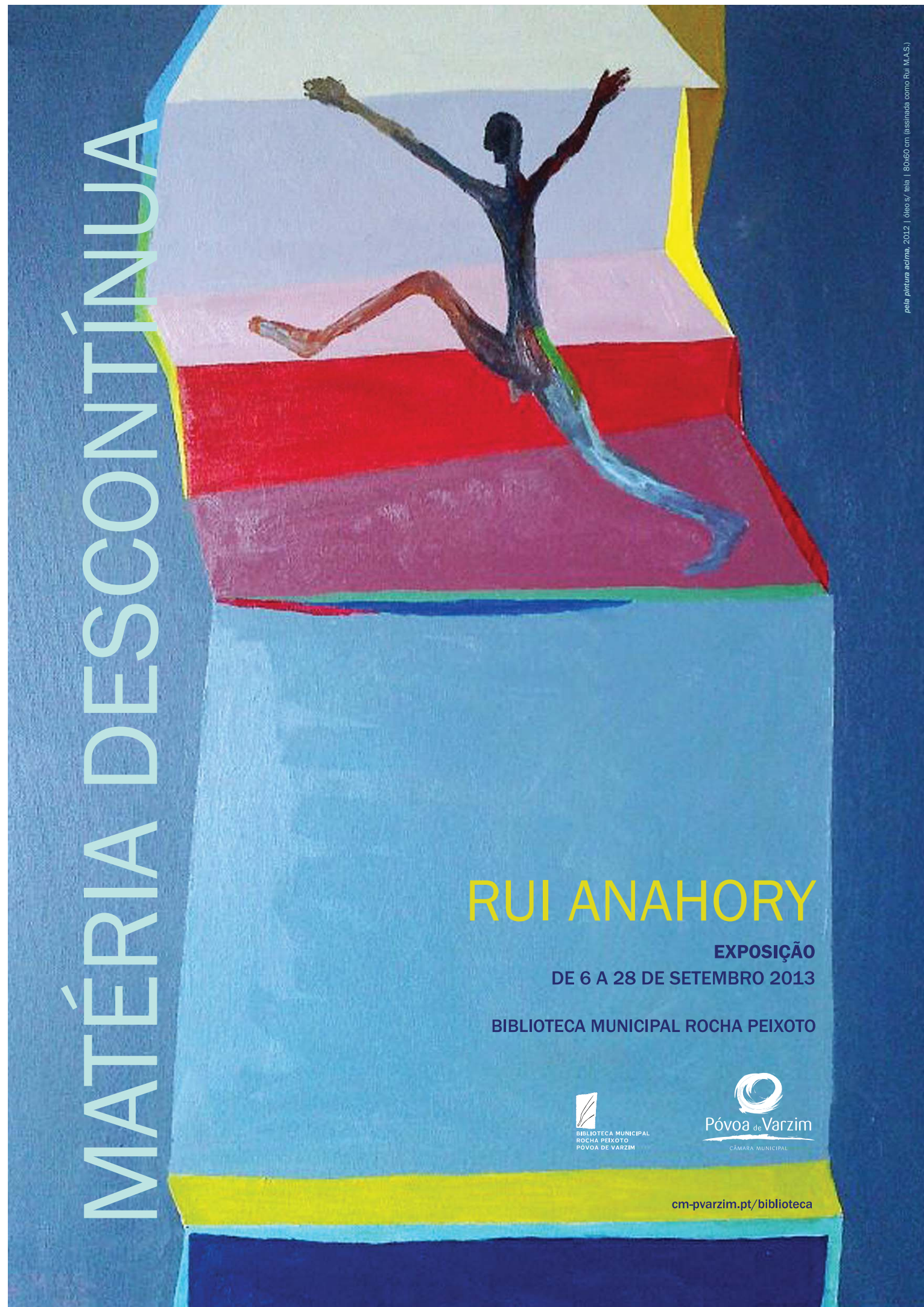
4490-664 Póvoa de Varzim

+351 252 616 000

biblioteca@cm-pvarzim.pt

cm-pvarzim.pt/biblioteca

facebook.com/bibliotecamunicipalrochapeixoto



## RUI ANAHORY

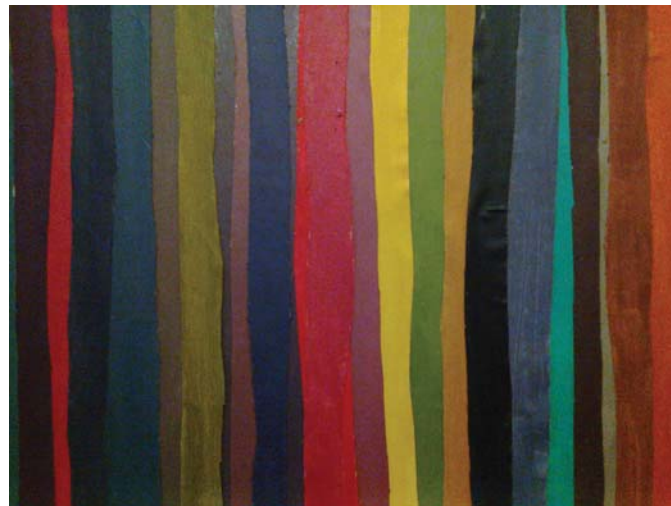
EXPOSIÇÃO

DE 6 A 28 DE SETEMBRO 2013

BIBLIOTECA MUNICIPAL ROCHA PEIXOTO



cm-pvarzim.pt/biblioteca



Ritmos verticais, 2012 | óleo s/ tela, | 200x100 cm

Hoje senti-me.  
 Às vezes não me sinto, não sei quem sou realmente.  
 Hoje foi mais um hoje porque algumas coisas correm por si como o respirar. Eu não penso quando respiro a não ser quando tenho falta de ar. Hoje rolei pelas estradas como sempre faço. Rolei o tempo numa faixa de alcatrão. Hoje também agrafei umas pequenas telas nas respectivas grades. Hoje acho que não tive pensamentos geniais como é geral acontecer. Ou se tive não percebi que eram geniais, portanto é como se não tivesse tido.

Vinte e duas e trinta.  
 Três mulheres, de braço dado  
 Xailes sobre os ombros  
 Atravessam na noite, a rua  
 Cabeça e rosto sob um lenço  
 recolhidas  
 Fugazmente iluminadas pelos  
 faróis do carro que parou  
 Deixando passar os recolhidos  
 vultos, passos miúdos.  
 Outras três do mesmo modo  
 Seguem rua abaixo  
 Passo estugado, com a pressa  
 de chegar à cama  
 Na noite fria,  
 Acolhedora da morna santidade,  
 acabada a missa da noite.  
 O seu mundo  
 feito de santos dedicados e rosários desfiados  
 Na fé simples do anonimato  
 Que são os seus vultos, quais sombras.  
 A noite... povoada de espíritos e demónios  
 dos cruzamentos.  
 Escondem o rosto  
 Vêm-se por dentro, na alma  
 Vão como quem marcha,  
 de passo certo e rápido  
 E até na estatura parece que  
 se escolheram  
 De tão iguais  
 Repetem-se aos trios e pares  
 Vultos escuros e fugídios  
 Com pressa do aconchego  
 E do familiar cheiro da casa.  
 Ou choram a viuvez  
 Ou que o mar,  
 Traga os maridos no barco a bom cais.  
 A casa espera-as no acanhado  
 espaço

Nos quartos onde mal cabem  
 Cama e guarda-vestidos  
 Santos e santas iluminados  
 Rendas e cerâmicas decorativas  
 Enchem os panos de renda.  
 Sobre pequenas mesas de canto  
 Os netos, já adormecidos,  
 Irão espreitar com o cuidado  
 de os não acordar  
 dos sonhos que talvez de mar já não sejam feitos  
 “Bendito seja Deus, que essa  
 vida é dura;  
 Será doutor ou engenheiro”  
 Que o mar nem sempre  
 deles devolve os sonhos  
 E os corpos  
 E vão as sombras, rua abaixo  
 Iluminadas pelos faróis de  
 um carro que parou  
 Recortadas difusas silhuetas  
 Carregadas de memórias  
 Que se levantam de madrugada  
 silenciosas.  
 Para tomar uma cevada.

*O mais difícil é quando sabemos que ninguém nos espera no fim do caminho.*

Jan. 2013

À parte da minha calma, soçobro sob a agitada inquietação

Descoordena os membros e a cabeça  
 Agita-se com o mar, em turbilhão.  
 (estados de arte, estados d’alma)

Quanto mais defino o finito, mais infinito crio, mais aumento o campo da indefinição.

Experiências, refiro muito as experiências artísticas/plásticas que vou fazendo no meu trabalho.  
 Cada experiência é em si definitiva e transitória...  
 é uma mudança contínua.  
 Certezas muito poucas, apenas a da própria existência e da necessidade de me manter vivo.  
 - O Tempo em mim é circular/helicoidal, por isso a cronologia daquilo que faço ou fiz, as datas, são relativamente irrelevantes (com algumas, poucas, exceções). Elas (as coisas produzidas) repetem-se na sua essência com características diferentes que refletem apenas as “mais valias” das experiências mas as inquietações, inseguranças, hesitações, são as mesmas de sempre.  
 Não há diamantes no alto da montanha, esses estão na lama, no sangue dos vales.  
 No alto da montanha só a límpida luz do sol que nunca morre e o vento agreste que afaga a aridez crua das rochas, lapidam o diamante bruto da alma.  
 O mais difícil é quando sabemos que nada nos espera no fim do caminho.

De : 6 propostas para o novo milénio.  
 Italo Calvino.  
 -...”Vulcano-Efesto deus que se enterra no fundo das crateras fechado na sua forja onde fabrica... objectos requintados em todos os pormenores, jóias e ornamentos para deusas e deuses, armas, escudos, redes e armadilhas. Vulcano que contrapõe ao voo aéreo, de Mercúrio (leve de asas nos pés, aéreo, hábil, ágil adaptável e desenvolto), a marcha descontínua do seu passo claudicante e o bater cadenciado do seu martelo”

Os conhecimentos não são absorvidos apenas pela mente, pelo cérebro.  
 Há uma sempre relação entre estes e o corpo, a postura do corpo.  
 Quando se assimila algo novo o comportamento altera-se, os movimentos, o “ar”, o olhar...  
 Porque conhecer não é apenas saber mais qualquer coisa.  
 É torná-la parte do corpo e este, agir segundo essa aprendizagem, isso por vezes leva tempo mas haverá de ocupar o lugar dos hábitos anteriores. Essa transformação que se opera no indivíduo é que o torna diferente.  
 As experiências, os saberes, as coisas acumulam-se como sedimentos do tempo não de forma regular e sequencial algumas vezes, mas sofrendo as distorções dos movimentos desse tempo. Ideias suspensas no tempo, algumas, porquê? – atropelam-se com prioridades várias. São anos de ressaca e de esperança se as ideias são fortes, com intenção.  
 As procuras estéticas que pudessem fazer alguma diferença eram a tónica e os caminhos possíveis ramificavam-se.  
 A repetição pode ser um estado de felicidade “ali”...  
 Mas a repetição é por vezes uma “prisão feliz” e por isso a largo, embora possa sempre regressar a uma ideia que suspendi.  
 Mas mesmo quando regresso é já carregado de outra história.



Difícil a pesca, 2009 | Ferro, madeira e acrílico | 200 x 100 x 110 cm (aprox.)

O mar revolve-se violento  
 Devora areais inteiros como se  
 Como um garimpeiro de sonhos de Verão  
 Caçador de amores e segredos enterrados na praia  
 Tudo arrasta consigo, num regresso à origem das coisas.  
 O Mar, a grande alma  
 O mar devolve à terra  
 Apenas os corpos, não os sonhos.  
 Enfeitiça as noites dos sonhadores,  
 Excita a imaginação dos poetas da viagem  
 o Mar, é a esses que mais ama.  
 Nunca um poeta deu à costa  
 só os corpos inertes e sem vida  
 desapossados dos sonhos, dos amores e ilusões  
 Esses flutuam nas águas azuis profundas  
 Outros entre algas castelos de coral e belos peixes  
 E sereias de Odes, plagiadas  
 Dos sonhos dos poetas,  
 Vogam nas ondas e correntes  
 Sedutoras, com as canções que o mar roubou

Não sei qual a fronteira da matéria nem onde acaba o processo criativo.  
 Não sei; sei apenas do impulso de sedução. Do imponderável instante em que começo qualquer coisa e quando digo que acabei ou o fim se impõe e não posso avançar mais.  
 O tempo de invenção tem tanto de imprevisível como do seu contrário.  
 Posso “arremeter” contra o tempo e contra a matéria que vou alterar, com ou sem um plano...  
 Os factores de imponderabilidade estarão sempre presentes. Porque algo imprevisível que vai surgir pela primeira vez e pela escala ou pelo material, vai lutar comigo, surpreender-me fazer-me avançar e recuar, parar por fim concluindo ou não.  
 Não somos donos um do outro, eu e o processo, a matéria e o tempo.  
 Criar é uma batalha que pode ser uma derrota temporária que só é ganha insistindo.  
 Eu quero e uso um meio; a matéria espera e responde ao meu avanço no instante ou na lentidão a que me obriga no tempo de se deixar ver. O olhar não se pode distrair, não pode estar condicionado por um fim programado. O momento é de “tornar visível”, surpreender, não de executar como uma máquina, com programa.  
 É preciso talhar a escuridão e fazer nela incidir a luz, nas faces, arestas e planos curvos. E a matéria, coisa visível, torna-se outra porque modificada com o pensamento ou na forma ou na estrutura do seu espaço próprio. Na identidade alterada, continua a ser pedra, barro, ou pigmento ou papel, mas agora é uma forma talhada, barro cozido ou pasta com óleo e verniz, escultura ou pintura ou as duas numa só ou desmultiplicando-se porque nada é só uma coisa.  
 Cada coisa “é aquilo que é” por si só sem depender de mim para nada; Sou que dependo dela no momento em que lhe altero as qualidades, e a torno outra coisa, que é aquilo que é e me dispensa até ao momento em que outra força externa a transforme noutra “coisa-em-si”. O tempo, o movimento, são agentes da permanência das “coisas”. Uma vez fora de nós deixam de nos pertencer, tudo é apenas um meio, transitório, a escala de tempo com que calculamos a “eternidade” é variável conforme a História é pessoal, geracional ou se refere a épocas evolutivas das espécies.  
 O envolvimento criativo, o mergulho no espaço das ideias “tornar visível”, é uma aventura no escuro.

As palavras são campos de energia, espaço e movimento. Projetam-se e movimentam os espaços, os corpos, até à distância física que alcançam, multiplicam-se pelas lonjuras em ecos e ricochetes, fazem vales e cidades.



Sem título, 2009 | Madeira de choupo, chapa acrílica e néon  
 Forma e dimensões variáveis | alt. 70 cm, comp. até 400 cm